

## OFICINA DE ESCRITA ETNOGRÁFICA

Departamento de antropologia/Universidade de Brasília, sextas-feiras, 14 às 17h45

Soraya Fleischer - (fleischer.soraya@gmail.com)

"The only way I can get anything written at all is to write really, really, really shitty first drafts. All good writers write them. This is how they end up with good second drafts and terrific third drafts". Anne Lamott. (*Bird by Bird: some instructions on writing and life*, 1994, pp. 21-22).

"There are no shortcuts. Writing is work and good writing is hard work". Andrew Barnes. (*Stories for readers: a few observations from outside the academy*, 2011, p. 61).

"I will tell you something about stories. They aren't just entertainment. Don't be fooled. They are all we have, you see, all we have to fight off illness and death. You don't have anything if you don't have the stories". Leslie Marmon Silko. (*Ceremony*, 1977, p. 2).

As **INSPIRAÇÕES** para esse curso têm diferentes procedências.

1 Temos aprendido a escrever etnografias pela prática de ler algumas delas (infelizmente, nem sempre na íntegra). Mas a leitura tem, muitas vezes, o objetivo de captar "os dados", a teoria utilizada, a genealogia institucional, a consistência lógica e argumentativa etc. Tudo isso compõe um texto etnográfico. Mas não chegamos, em geral, a discutir como essas etnografias foram escritas, que escolhas estilísticas e retóricas foram tomadas, como as informações foram organizadas e apresentadas às leitoras. Aprendemos a escrever por mimetismo irrefletido. Nesse curso, continuaremos a ler (dessa vez, na íntegra), mas pensando sobre como aquele texto foi escrito e é, por nós, recebido.

2 Muitas das disciplinas e cursos são voltadas para a discussão de teorias e temas de pesquisa, somente excepcionalmente a forma e as estratégias de comunicação escrita (e também oral) são mote para debate dentro de sala de aula ou mesmo nos encontros de orientação. Há claro desprestígio do "como" e "para quem" diante do "que" se escreve.

3 Noto que grande parte da escrita ao longo da formação na pós-graduação é adiada para o final, quando dissertações e teses precisam ser produzidas, depositadas e defendidas. A escrita estruturada, autoral e criativa dificilmente é uma prática cotidiana. A ideia é formarmos um hábito de escrever diariamente, contribuindo para naturalizar a escrita como um processo cumulativo de intimidade com nossas ideias, nossas experiências nos encontros etnográficos e nossa capacidade de transformar tudo isso em textos que prendam a atenção, comovam e transformem nossas leitoras.

4 Tenho observado, como o aprendizado horizontal é raro nas disciplinas de graduação e pós-graduação. Julgo-o, além de importante, bastante produtivo. Isto quer dizer, fomentar oportunidades para que as discentes possam conhecer e discutir a sua produção, permitindo que experiências e, sobretudo, dificuldades de escrita sejam compartilhadas enquanto o processo de escrita está acontecendo (e não depois, quando prazos e tarefas já tenham sido cumpridos). Há um ganho específico e distinto em ouvir as opiniões críticas de uma colega em vez das de uma professora, orientadora, parecerista, membro de banca etc. Compartilhar nossos escritos é também aprender a fazer e receber críticas e elogios face a face. Mais compreensão, generosidade e gentileza são necessárias nesse encontro.

5 Tradicionalmente, a antropologia tem se constituído como uma prática individual de construção e escrita sobre os dados. Já a apreciação coletiva da produção escrita se dá, geralmente, em momentos de muita tensão e, mais do que isso, hierarquia, como bancas, congressos, seminários etc. Rodas coletivas de escrita e leitura podem servir como ensaios e exercícios intermediários e menos solitários. Assim, coletivizar a experiência de escrita pode servir para repensar epistemologicamente a antropologia, em seus cânones e *modus operandi*.

6 Na carta dirigida pelas estudantes da Katakumba às docentes do DAN em fins de 2012, havia um pleito de que a produção discente encontrasse mais oportunidades de ser apreciada e discutida, para além dos trabalhos finais de disciplinas e as bancas de defesa.

7 A escrita depende da leitura, são atividades complementares e embaraçadas. Para produzir boas etnografias é preciso conhecer, ler e distinguir boas etnografias e, com isso, não apenas entender os dados apresentados, mas conseguir notar como os mesmos foram escolhidos e arrançados na forma escrita. A tendência tem sido a leitura parcial de monografias ou a opção por artigos em periódicos e capítulos de livros. A leitura completa de uma monografia permite conhecer, por exemplo, as motivações da autora, suas inspirações teóricas, sua inserção no campo de pesquisa, seus relacionamentos com

as interlocutoras, as maneiras de dispor as diferentes vozes e controvérsias, o diálogo entre as diferentes partes do texto etc. O tempo exigido para se concluir a leitura de uma monografia é outro, é o tempo da convivência com a autora, o tempo para se deixar ser tocado pela sua forma de fazer antropologia, o tempo de conhecer com quem e de que maneira ela dialogou com os atores relevantes ao longo de sua pesquisa e depois na elaboração escrita.

8 Vivemos de contar histórias seja por poemas, contos, romances, histórias em quadrinhos ou no cinema, na prosa, nas rodas de leitura ou mesmo no depoimento, desabafo, fofoca ou conversa de boteco. Somos narradoras, precisamos contar de nós e, pela antropologia, contar também dos outros. Mas noto como, na formação acadêmica, as estudantes paulatinamente vão preterindo, por vários motivos, a leitura agradável, aconchegante e prazerosamente solitária da literatura romanceada. É importante mantermos viva nossa imaginação como narradoras, aprendendo a como contar uma história, como honrar os segredos e memórias que nos foram revelados, como manter a atenção e interesse de nossa audiência, como impactar e promover mudanças com nossos escritos.

9 Como professora de uma universidade pública, meu compromisso deve ser com a docência, a pesquisa e a extensão, embora eu tenha sido formada, basicamente, para ser pesquisadora. De forma um pouco autodidata e interessada, tenho me tornado professora a cada novo semestre e aprender sobre minhas estudantes e a forma como pensam, fazem e escrevem antropologia é fundamental nesse processo de aprendizado. Por isso, parece-me tão importante, enquanto atividade de formação para as estudantes e, igualmente, formação enquanto professora, conhecer e discutir o cabedal escrito que está sendo produzido pelo corpo discente nesse momento no DAN.

10 A partir da última edição desse curso, seis textos foram publicados: três resenhas, um capítulo de livro, um artigo em periódico e uma dissertação de mestrado.

Alguns **OBJETIVOS** do curso são:

- criar uma atmosfera agradável, coletiva e produtiva de discussão sobre a escrita etnográfica.
- Produzir textos, ao longo do semestre, que tenham por base dados de pesquisa. A sugestão é que sejam capítulos de dissertação/tese, projetos de pesquisa, artigos para periódico, *papers* para congresso, relatórios de pesquisa etc.
- Valorizar e realizar a leitura e a produção de etnografias densas, provocativas e relevantes.
- Conhecer a produção monográfica recente de diferentes PPGAS ao redor do Brasil a partir do recorte da antropologia da saúde, corpo e adoecimento.
- Discutir o texto etnográfico como um estilo literário e identificar possíveis inspirações entre a literatura e a escrita antropológica.

#### **AValiação:**

- Leitura das etnografias e produção de “textos de aula”. O texto de aula consiste em responder duas perguntas, dedicando uma lauda para cada uma. Serão consideradas as 7 melhores notas dos 8 textos de aula. **30%**
- Participação da discussão e contribuição para o diálogo em sala de aula. **20%**
- Escrita e compartilhamento do TEXTO. Os textos serão avaliados segundo os seguintes critérios: a) Linearidade do texto (foco proposto e foco mantido) e clareza da exposição de ideias; b) Boa apresentação (grafia correta; padronização etc.); c) Adequação do tipo de texto à audiência almejada; d) Apresentação, descrição e análise dos dados. **20%**
- Reescrita do TEXTO. **20%**
- Comentário/parecer da colega sobre o TEXTO reescrito. **10%**

#### **Atividades:**

Data	Universidade	Atividade
15/08	---	Apresentação das participantes, da professora e do curso, planejamento do programa e regras de convivência.
22/08	Preâmbulo	bell hooks. “Introduction”. In _____. <i>Teaching to transgress</i> . Nova Iorque: Routledge, 1994, pp. 1-12.

		CHARON, Rita. "Close reading". In ____ <i>Narrative medicine: Honoring the stories of illness</i> . Nova Iorque: Oxford University Press, 2006, pp. 107-130.  WOLF, Margery. "Ruminations with a view(point)". In _____. <i>A thrice told tale: Feminism, postmodernism and ethnographic responsibility</i> . Stanford: Stanford University Press, 1992, pp. 1-14.
29/08	UnB	CASTRO, Maria Soledad Maroca de. <i>A integralidade como aposta: etnografia de uma política pública no Ministério da Saúde</i> . Tese (Doutorado em Antropologia Social). Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
05/09		A: Texto literário + TEXTO de autoria própria  B: Texto literário + TEXTO de autoria própria
12/09	UFPB	SEMINOTTI, Elisa Pinto. "QRD à base SAMU!". <i>Etnografia de um serviço de urgência: o SAMU-João Pessoa/PB</i> . Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013, 138p.
19/09		
26/09	UFRJ	SANABRIA, Guillermo Vega. <i>Ciência, justiça e cultura na controvérsia sul-africana sobre as causas e tratamentos da Aids</i> . Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013, 275p.
03/10		Entrega do TEXTO reescrito – A e B
10/10	UFAM	VIANNA, João Jackson Bezerra. <i>De volta ao caos primordial: alteridade, indiferenciação e adoecimento entre os Baniwa</i> . Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012. 258p.
17/10		
24/10	UFSC	PEREIRA, Éverton Luís. <i>Fazendo cena na cidade dos mudos: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí</i> . Tese (Doutorado em Antropologia Social). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. 380p.
31/10		
07/11	UFG	ALMEIDA, Claudia Vicentini R. de. <i>Manda quem pode, obedece quem (não) tem juízo: corpo, adoecimento mental e intersubjetividade na polícia militar goiana</i> . Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2012, 131p.
14/11		
21/11	UFMG	HARAYAMA, Rui Massato. <i>Do ponto de vista do sujeito da pesquisa: evento e cultura material em um Comitê de ética em Pesquisa</i> . Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011, 198p.
28/11		
05/12	UFRGS	GRUDZINSKI, Roberta Reis. <i>A nossa batalha é fazer o governo trabalhar: estudo etnográfico acerca das práticas de governo de uma associação de pacientes</i> . Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013, 129p.
		Encerramento e avaliação do curso.

### Bibliografia sugestiva

BEHAR, Ruth. *Vulnerable observer: anthropology that breaks your heart*. Boston: Beacon Press, 1993.

- BEHAR, Ruth e GORDON, Deborah (orgs.). *Women writing culture*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- BERKIN, Sarah Corona e KALTMEIER, Olaf. *Em diálogo: metodologías horizontales en Ciencias Sociales y Culturales*. Cidade do Mexico: Editorial Gedisa, 2012.
- BONETTI, Alinne. (org.). "Fragmentos de diários - estratégias narrativas, retóricas, éticas e políticas para se inscrever o fazer etnográfico". In SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta. (orgs.). *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: UFRGS, 2010, pp. 125-178.
- BONETTI, Alinne e FLEISCHER, Soraya. "Diário de campo. (Sempre) um experimento etnográfico-literário?". In \_\_\_\_\_. (orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007, pp. 9-40.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever". In \_\_\_\_\_. *O trabalho do antropólogo*. Brasília/São Paulo: Paralelo 15/UNESP, 1998, pp. 17-36.
- CHARON, Rita. *Narrative medicine: honoring the stories of illness*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- DINIZ, Debora. "O encontro com o texto" e "O encontro com a escrita". In \_\_\_\_\_. *Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa*. Brasília: Letras Livres, 2012, pp. 51-62 e pp. 63-80.
- FLEISCHER, Soraya. "As aventuras de um livro: uma cronologia comentada da produção de uma coletânea em antropologia". *Latitude*, 7(1), 2013, pp. 149-169.
- FONSECA, Claudia. "O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'". In SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen; PETERS, Roberta. (orgs.). *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: UFRGS, 2010, pp. 205-228.
- GEERTZ, Clifford. *Works and lives: the anthropologist as author*. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- GUBER, Rosana. "El método etnográfico en el texto". In \_\_\_\_\_. *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011, pp. 127-136.
- HASTRUP, Kirsten. "Writing ethnography: state of the art". In OKELY, Judith e CALLAWAY, Helen (orgs.). *Anthropology and autobiography*. Londres: Routledge, 1992, pp. 116-133.
- hooks, bell. *Teaching to transgress: education as a practice of freedom*. Nova Iorque: Routledge, 1994.
- LAPLANTINE, François. *A escrita etnográfica*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- LÉTOURNEAU, Jocelyn. "Como comunicar os pensamentos por escrito". In \_\_\_\_\_. (Org.). *Ferramentas para o pesquisador iniciante*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- NARAYAN, Kirin. *Alive in the writing: crafting ethnography in the company of Chekhov*. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.
- SANJEK, Roger (org.). *Fieldnotes: the makings of anthropology*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.
- SAVAGE MINDS WRITING GROUP. <http://savageminds.org/2014/01/13/announcing-the-savage-minds-writing-group/>
- SILVA, Vagner Gonçalves da. "Desde o campo até o texto", "O vivido e o narrado: o que a escrita fixa?", "Segredos do escrever e o escrever dos segredos", "Políticas das citações: outras academias, outros escritos", "Construindo textos, tecendo tradições". In \_\_\_\_\_. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: USP, 2000, pp. 118-124, pp. 124-133, pp. 133-140, pp. 140-145, pp. 145-157.
- THE PARIS REVIEW. Entrevistas com escritores e poetas. <http://www.theparisreview.org/about/>
- WATERSTON, Alisse e VESPERI, Maria D. (Orgs.). *Anthropology off the shelf: anthropologists on writing*. Oxford: Wiley and Blackwell Publishing, 2009.
- WOLF, Margery. *A thrice told tale: feminism, postmodernism and ethnographic responsibility*. Stanford: Stanford University Press, 1992.
- WRITING ACROSS BOUNDARIES - <https://www.dur.ac.uk/writingacrossboundaries/writingonwriting/>